

## **Pedro Abelardo:** ***Intelligo ut Credam***

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

### *Introdução*

Neste artigo discorreremos sobre Pedro Abelardo, o mais célebre pensador do século XII. Após breve intróito à sua conturbada biografia, consideraremos o sentido que ele dá à fórmula que cunha: *intelligo ut credam*. Verificaremos como distingue o *intelligere* do *comprehendere* e como explica a necessidade de se aplicar o *inteligir para crer* em teologia e em *apologética*. Em seguida, teceremos comentários concernentes às teses humanistas que esposa e os seus corolários. Por fim, passaremos às considerações finais sobre o texto.

Passemos a um breve intróito à sua biografia.

### *1. Vida*

Filho de cavaleiro, Abelardo nasceu em Bourg du Palais, perto de Nantes, em 1079. O pai, que era erudito, cuidou para que o menino fosse devidamente instruído nas ciências da época. Abelardo, por sua vez, apaixonou-se tanto pelos estudos que renunciou à carreira militar do pai e ao direito à primogenitura. O próprio Abelardo admite, no entanto, que nunca deixou de ser soldado, pois amava os torneios de lógica! Educado na escola de Roscelino, famoso nominalista, Pedro Abelardo deixou-se influenciar pelo seu mestre. Em Paris, tornou-se discípulo de Guilherme de Champeaux, o grande mestre da dialética parisiense da época. A simpatia inicial pelo mestre transformou-se, repentinamente, numa terrível antipatia; sua querela com Guilherme tornar-se-ia famosa para toda a história da filosofia. Dotado de um

intelecto verdadeiramente brilhante, Abelardo destacava-se dentre os demais colegas na arte da dialética, o que lhe ocasionou invejas e perseguições por parte destes. Abelardo chega a dizer que as suas “calamidades” começaram com o seu sucesso na dialética. Consta que venceu o próprio Guilherme em vários debates escolares.

Com apoio de alguns amigos, fundou uma escola em Melun. Submergido pelos intensos trabalhos, caiu doente e passou um longo período fora das atividades escolares. Retornou a Paris e a seus estudos com Guilherme. Queria estudar retórica. Mas houve um rompimento definitivo. De fato, Guilherme permanecera, embora já tivesse recuado muitas vezes por causa das objeções de seu antigo aluno, na mesma doutrina acerca dos universais. Abelardo chegou a ocupar a cadeira que era do seu antigo mestre. Entretanto, este, por meio de maquinações, conseguiu afastá-lo, colocando em seu lugar um discípulo seu, que era também rival de Abelardo. Guilherme, no entanto, já estava velho e cansado, sofria críticas até dos de sua Ordem (Os Cônegos Regulares) e achou por bem afastar-se também de Paris. Abelardo, que havia reformado a sua Escola em Melun, sabendo da retirada de Guilherme, retornou a Paris e voltou a travar lutas com o seu novo rival (discípulo de Guilherme). Guilherme, por seu lado, também retornou para defender o seu discípulo das investidas de Abelardo. Todavia, o seu retorno foi inútil, pois Abelardo saiu vitorioso novamente. Guilherme e os seus perderam todos os seus alunos para Abelardo e este se tornou o grande mestre da dialética em Paris.

Em Teologia, Abelardo foi aluno do grande teólogo da época, Anselmo de Laon. Contudo, o seu mestre em teologia não era dialético e isto fez com que Abelardo não lhe poupasse críticas ulteriores. Fazer glosas, alinhar sentenças da Escritura e dos Santos Padres, tudo isso não parecia a Abelardo senão um método bastante rude de fazer teologia. O Mestre Palatino não entendia que fosse suficiente, inclusive em teologia, o simples agrupamento de textos patrísticos acerca de um determinado artigo de fé. Pedro queria introduzir a dialética na teologia e isto desagradou aos seus colegas mais conservadores. Anselmo, porém, percebendo o talento de Abelardo e as suas inovações, proibiu-o de dar preleções aos seus alunos, sob a alegação de conduzi-los a erros, devido à sua falta de formação na matéria. Abelardo retirou-se de Laon; voltando a Paris, tornou-se – mesmo sendo leigo –, professor de teologia bastante afamado.

Seu sucesso foi-lhe subtraído pela soberba e luxúria que o dominaram. Envolveu-se com Heloísa, moça para quem deu aulas de dialética, e cujo tio, que lha havia confiado, em virtude da probidade que até então mantivera intacta, jamais lhe perdoaria a desonra do

assédio. Com Heloisa, Abelardo teve um filho, Astrolábio. E o tio, por meio de outros e com a anuência de um criado de Abelardo – que foi por ele subornado –, impôs-lhe um terrível castigo: a castração! Humilhado, internou-se na Abadia de São Dionísio e a sua amada no convento de Argenteuil. Daí por diante dedicou-se à teologia, sem nunca esquecer a dialética. Escreveu livros e foi ainda vítima de invejas. Precisou sair da Abadia, visto que os seus opositores haviam conseguido a condenação de um livro seu – *De unitate et trinitate divina* – no *Concílio de Soissons*, e ele teve que renegá-lo e queimá-lo em público. Na verdade, Abelardo havia feito várias denúncias acerca da corrupção dos costumes que grassava naquele mosteiro, além de ter posto em dúvida – baseado na autoridade de *Beda, o Venerável* –, o fato de ter sido o mesmo mosteiro fundado por São Dionísio, discípulo de São Paulo. Deveras foi isto que instigara a violência dos monges contra ele.

Era o ano de 1121, quando se retirou para Naisoncelle, onde mandou construir uma modesta capela. Voltou a ser procurado por seus alunos, que foram atrás do mestre e construíram juntamente com ele uma Igreja dedicada à Santíssima Trindade. Novamente os seus algozes não o deixaram em paz; atribulado, refugiou-se uma vez mais, desta feita aceitando o cargo de abade de S. Gildas, na Bretanha. A Bretanha era uma terra estranha a Abelardo. Lá também enfrentou a hostilidade de monges depravados que, por várias vezes, chegaram a contratar salteadores, a fim de armar-lhe emboscadas e até tentar arrancar-lhe a vida. Muito depressivo, retornou a Paris e às suas aulas de lógica, mas teve que enfrentar o mais temível de todos os seus adversários: Bernardo de Claraval. Condenado pelo *Concílio de Sens*, e como tivesse a própria Santa Sé rejeitado as suas doutrinas, decidiu não mais se defender. Exilou-se na Abadia de Cluny e passou os seus últimos anos no Priorado de S. Marcelo, onde se entregou às ocupações da vida monástica. Faleceu em 1142.

Passemos a analisar a necessidade de entender para crer em Abelardo.

## 2. *Inteligir para crer*

É impossível crer no que não se entende.<sup>1</sup> As verdades de fé devem ser propostas em termos inteligíveis.<sup>2</sup> Como São Paulo, Abelardo julga inútil falar de coisas que ninguém entende: “Em apoio a sua tese Abelardo pode apelar para a autoridade do próprio S. Paulo (I Cor 14, 1ss). É inútil proferir palavras que ninguém entende”<sup>3</sup>. Sem dúvida cremos nos dogmas porque foram revelados por Deus.<sup>4</sup> Porém, para apreendermos aquilo em que devemos crer, urge recorrermos à Escritura e aos Padres. Ora, para a correta compreensão da Escritura e dos Padres e, por conseguinte, daquilo em que devemos crer, mister é haver uma investigação acurada das fontes, a fim de que não creiamos cegamente. De fato, é patente haver contradições, mesmo entre os Padres. De resto, quantas passagens obscuras nas próprias Escrituras. Portanto, a razão deverá *ponderar* antes de *aderir*.<sup>5</sup>

Passemos à consideração do exercício da razão crítica em teologia.

## 3. *A razão crítica*

Segundo Abelardo, é certo que os Padres eram auxiliados pelo Espírito Santo; todavia, assevera que os seus coetâneos carecem desta inspiração. Destarte, é indispensável descobrir – com o concurso da razão –, onde está a genuína palavra de Deus neles.<sup>6</sup> Ademais, importa

<sup>1</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> . ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 309: “Não se pode crer o que não se compreende.”

<sup>2</sup> *Idem. Ibidem*: “Em outros termos, as verdades de fé devem vir expressas em palavras inteligíveis.”

<sup>3</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>4</sup> *Idem. Ibidem*: “A fé revelada exige nosso assentimento, baseado na autoridade do próprio Deus.”

<sup>5</sup> *Idem. Ibidem*: “Mas não basta aderir cegamente a estas autoridades; é mister examiná-las criticamente a fim de determinar claramente o que se deve crer. Tanto mais que existem muitas contradições aparentes entre essas autoridades. Há proposições que são afirmadas por uma e negadas por outra. (...) Em tais casos a razão deve decidir-se por um ou por outro.” ABELARDO, Pedro. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 124: “Quando nos são apresentadas algumas afirmações dos santos como opostas entre si ou distantes da verdade, convém que examinemos atentamente, para não sermos enganados por falsas atribuições de obras, ou por corrupção do texto.”

<sup>6</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 309: “Abelardo não duvida que os santos doutores tenham escrito sob a inspiração do Espírito Santo; mas, acrescenta, nós carecemos dessa inspiração, pelo que nos é difícil atinar com o sentido genuíno de suas palavras.” ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 122: “Na profusão de palavras, até os ditos dos santos parecem às vezes que não só diferem entre si, como também entre si se opõem. Entretanto, não devemos

que, pela razão, investiguemos também o sentido da própria Palavra de Deus, distinguindo o que há nela de *próprio* e o que há nela de *metafórico*, pois “Igualmente difícil é a distinção entre o sentido próprio e o emprego metafórico das palavras”<sup>7</sup>. É ainda a razão que, pelo exame textual – no caso dos Padres –, deverá discernir quais são os textos autênticos e quais os falsos: “Não menos indispensável é a crítica textual, que nos capacita a discernir os escritos autênticos dos espúrios”<sup>8</sup>. Outrossim, é necessário levar em conta o fato de que vários Padres mudaram de opiniões, alguns chegando até a se retratarem de algumas delas<sup>9</sup>; outros, por se valerem de fontes alheias e suspeitas, e não do próprio pensamento, podem ter-se equivocado.<sup>10</sup> Portanto, sem uma reta compreensão, não conseguiremos discernir o que há neles de *opinião* e quais sejam as suas *doutrinas definitivas*<sup>11</sup>:

Convém notar, ainda, que os Padres muitas vezes modificaram suas próprias opiniões, e até mesmo as retratarem. Sucedeu-lhes, outrossim, adotar explicações errôneas, provindas de fontes suspeitas; é o caso que se deu com S Jerônimo em relação a Orígenes. Em certos

nos arvorar em juízes daqueles por quem o mundo haverá de ser julgado (...). Se, em vez disso, olharmos para nossa ignorância, creiamos que mais nos falta a graça divina para compreender do que faltou a eles para escrever, pois a eles disse a própria Verdade (Mt 10, 20): ‘Não sereis vós que falareis, mas o Espírito de vosso Pai que falará em vós’.

<sup>7</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 309.

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem.* ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 124: “A maior parte dos escritos apócrifos traz o nome de santos como autores, a fim de, com isso, ganhar autoridade; e alguns textos até mesmo da Bíblia foram corrompidos por erro dos copistas (...)”.

<sup>9</sup> ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 125: “Julgo também que se deve dar não menor atenção ao fato de que os textos tomados dos escritos dos padres podem ser daqueles que por eles foram retratados em outro lugar, tendo sido corrigido após terem conhecido a verdade, tal como fez santo Agostinho em muitos casos.”

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem.* ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 125 e 126: “Pode acontecer também que estão apresentando a opinião alheia, e não o próprio pensamento, tal como o Eclesiastes refere opiniões divergentes de diversas pessoas, chegando são Gregório a chamá-lo de provocador de tumulto.” Abelardo vê nestas correções que os próprios padres fizeram das suas obras a licença para que também nós os corrijamos. De fato, quando reconheceram haver erros em suas próprias obras a ponto de retratarem-se de algumas de opiniões que emitiram, eles nos estavam incentivando a continuar esta mesma correção, pois nem tudo o que havia de errado em seus escritos, eles conseguiram perceber. Portanto, não precisamos concordar com os padres em tudo o que eles disseram: ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 132: “Também os santos doutores, examinando atentamente e percebendo que algumas coisas deveriam ser corrigidas em suas obras, concederam aos pósteros a licença para emendar ou não seguir aquilo que eles não conseguiram retratar ou corrigir.”; Ademais, o próprio São Jerônimo nos recomenda que, enquanto certos doutores devem ser seguidos, outros, ao contrário, devem ser corrigidos: ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 134: “A esse respeito, são Jerônimo antepõe alguns aos demais entre os doutores da Igreja, e aconselha a lê-los de tal modo que mais os julgemos do que os sigamos.”

<sup>11</sup> ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 126: “Pode também ser o caso de terem deixado a questão em aberto, não tendo chegado a uma definição, como santo Agostinho conta que fez ao escrever seu tratado Sobre o Gênesis ad litteram (...)”.

casos, enfim, os Padres apresentam suas asserções à maneira de simples opiniões, e não como doutrinas definitivas.<sup>12</sup>

Atende, pois, ao *crítico* ter sempre uma *dúvida prudente*. Por meio dela, investigando ininterruptamente as fontes, conseguirá chegar à verdadeira sabedoria e dissipar as aparentes aporias entre as mesmas, dando assim às verdades da fé mais sólida fundamentação.<sup>13</sup> Desta sorte, a razão, em Abelardo, é *dialética*, é uma *razão crítica a serviço da fé*, vale dizer, uma razão que se *interroga* a si mesma *continuamente*: “A razão dialética, portanto, é razão crítica, razão que se interroga continuamente ou razão como pesquisa”<sup>14</sup>.

Passemos a considerar a pertinência da razão crítica em apologética.

#### 4. A razão crítica em apologética

Na verdade, inclusive o crente deve saber dar as razões de sua fé, mormente se almeja a conversão dos incrédulos.<sup>15</sup> D’outro modo, como poderão os gentios converter-se da irracionalidade da idolatria, se não se persuadirem da racionalidade da fé daqueles que a apregoam?<sup>16</sup> O que poderia acontecer se, ao ouvirem o anúncio do Evangelho, objetassem que encontraram em tal anúncio a mesma irracionalidade das suas antigas crenças? Como o pregador que não souber dar as razões da sua fé, poderá defendê-la destas contraposições dos infieis? Acerca da heresia, por exemplo, assevera Abelardo:

Para debelar esta peste é necessário que nos adestremos na disputação, consoante a advertência dos próprios doutores eclesiásticos; não é suficiente implorar do Senhor, pela oração, a inteligência daquilo que

---

<sup>12</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã** pp. 309 e 310.

<sup>13</sup> *Idem. Ibidem.* p. 310: “A existência de tais divergências e até mesmo contradições entre as várias autoridades não só nos incita à investigação, como nos torna mais prudentes e críticos no exame das doutrinas. Tudo isso conduz, forçosamente, a uma fundamentação mais sólida das verdades da fé, pois a dúvida prudente, que nos introduz a um trabalho ininterrupto de pesquisa, não pode deixar de conduzir ao saber.” ABELARDO. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 135: “De fato, o interrogar assíduo e freqüente é definido como a primeira chave da verdade. (...) É duvidando que chegamos à procura, e procurando que chegamos à verdade (...).”

<sup>14</sup> REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5ª ed.. São Paulo: Paulus, 1991. p. 515.

<sup>15</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 310: “Ainda que a justificação dialética da fé possa parecer dispensável aos fiéis, ela não é para quem deseja converter os incrédulos”

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem*: “Com efeito, seria difícil convencer um gentio da irracionalidade da idolatria, se se julgasse vedada a reflexão racional sobre a fé.”

não compreendemos nas Escrituras, senão que devemos pesquisar, disputando uns com os outros.<sup>17</sup>

Destarte, o missionário, sob pena de seu trabalho ser infecundo, deverá sempre cuidar de justificar racionalmente a sua fé.<sup>18</sup> Compartilhando a mesma ideia de Abelardo, Heloísa chega a dizer que a Bíblia seria como um espelho colocado diante de um cego, se não fosse criticada e, desta sorte, esclarecida pela razão:

Compartilhando sua posição, Heloísa chegou a escrever a Abelardo dizendo que, sem essa *ratio critica*, a Bíblia seria como um espelho colocado diante de um cego.<sup>19</sup>

Deveras Abelardo era um cristão pio; não desprezava os dogmas. Porém, preferia torná-los verossímeis à inteligência humana a impô-los unicamente por autoridades.<sup>20</sup> Também é evidente que não era *racionalista*, pois tinha consciência dos *limites da razão*. Acreditava, porém, que, pela *crítica racional*, poder-se-ia tornar as *verdades de fé* mais aceitáveis aos espíritos críticos; contudo, nunca pretendeu *demonstrá-las*. Queria apenas provar que os dogmas não eram contrários à razão<sup>21</sup>, e pensava que as heresias só poderiam ser refutadas com o auxílio da razão:

Com efeito, não seremos capazes de rebater as investidas dos hereges ou de quaisquer infiéis, se não soubermos refutar suas argumentações e invalidar seus sofismas com argumentos verdadeiros, para que o erro ceda à verdade e os sofismas recuem perante os dialéticos: sempre prontos, segundo a exortação de S. Pedro, a satisfazer a quem quer que nos peça razões da esperança ou da fé que nos anima.<sup>22</sup>

---

<sup>17</sup> ABELARDO. **Epístola 13**, cols. 352. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 316 e 317.

<sup>18</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 310: “Portanto, a justificação racional da fé constitui uma condição impreterível para todo o trabalho missionário profícuo”

<sup>19</sup> REALE, ANTISERI. *Op. Cit.* p. 515.

<sup>20</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Nós não prometemos ensinar a verdade, que, como é sabido, nem nós nem qualquer outro mortal pode alcançar desse modo, mas apenas propor algo de verossímil que seja acessível à razão humana e não contrário à Sagrada Escritura.”

<sup>21</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 516: “Pois bem, mesmo tendo consciência dos limites da razão, Abelardo considera necessária a investigação crítico-racional para subtrair os enunciados cristãos a qualquer acusação de absurdo e, o que é mais importante, torná-las de alguma forma acessíveis à inteligência humana.”

<sup>22</sup> ABELARDO. **Epístola 13**, cols. 353. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 317.

Neste sentido, na concepção de Abelardo, ter-se-á sempre que distinguir: a *fundamentação racional* da *adesão sobrenatural*. Esta última poderá provir somente de uma *humilde adesão da razão às verdades de fé*.<sup>23</sup> Na verdade, Abelardo diferencia *inteligir (intelligere)* de *compreender (comprehendere)*. De fato, na *fundamentação racional*, que precede a *fé*, a *ratio* busca *inteligir* e não *compreender* a *fides*.<sup>24</sup> O *intelligere* é uma obra conjunta da *ratio* e da *fides*, enquanto o *comprehendere* é um dom exclusivo de Deus aos *humildes*. No *intelligere* a *ratio* serve à *crítica*, a fim de que saibamos *discriminar* aquilo em que devemos crer, já no *comprehendere* a *ratio* é impregnada pelo *dom* de Deus que nos faz *penetrar* no cerne do *mistério*.<sup>25</sup> Enfim, se o que define a *ratio anselmi* é *crer para compreender (credo ut intelligam)*, a fórmula que encerra a tentativa de Abelardo é *inteligir para crer (intelligo ut credam)*.<sup>26</sup> Em Abelardo, se a *inteligência* – de certa forma –, *precede* a *fé*, enquanto nos ajuda a *discernir* qual o seu *objeto*, a *compreensão* sucede a ela e procede dela.

Passemos a considerar o humanismo cristão desenvolvido por Abelardo.

#### 4. O humanismo cristão de Abelardo

Na linha de Justino, Abelardo afere que os filósofos pagãos não foram infiéis. Conquanto não tivessem tido, por certo, acesso à *revelação sobrenatural*, muitos deles alcançaram certa *revelação natural*.<sup>27</sup> Aduz ainda que alguns filósofos, seja pela *razão* seja pela *vida austera*, chegaram à certeza da existência de um único Deus.<sup>28</sup> Outros, ademais, pressentiram o próprio dogma da Trindade.<sup>29</sup> Platão fala de um Espírito que nasceu de Deus e

---

<sup>23</sup> *Idem. Ibidem.* p. 310: “É claro que essa fundamentação racional, enquanto simples preparação para a fé, não tem ainda nenhum valor sobrenatural, devendo ser distinguida rigorosamente da fé como tal, que implica uma submissão humilde da razão.”

<sup>24</sup> REALE, ANTISERI. *Op. Cit.* p. 516: “(...) Abelardo distingue o *intelligere* do *comprehendere*, afirmando que a *ratio* é indispensável para a inteligibilidade, não para a compreensão das verdades cristãs.”

<sup>25</sup> *Idem. Op. Cit.*: “O *intelligere* é obra conjunta da *ratio* e da *fides*, ao passo que o *comprehendere* é dom exclusivo de Deus, que concede aos homens dóceis à sua graça o dom de penetrar no cerne de seus mistérios.”

<sup>26</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 518: “Se a expressão que resume o pensamento de santo Anselmo é ‘*credo ut intelligam*’, a expressão que pode sintetizar o esforço teórico de Abelardo é ‘*intelligo ut credam*’.”

<sup>27</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã.** p. 314: “Abelardo crê que também eles participaram da revelação, não, por certo, da revelação sobrenatural, mas pelo menos da revelação natural. Com isso Abelardo retoma o antigo tema cristão da continuidade entre a revelação racional e a revelação cristã (cf. Justino).”

<sup>28</sup> *Idem. Ibidem.*: “Os filósofos chegaram a saber que há um só Deus, quer pela própria razão, quer como recompensa divina de sua vida austera.”



que lhe é coeterno.<sup>30</sup> O mesmo parece também haver-se certificado da existência do Espírito Santo, ao dizer que a alma do mundo era uma terceira pessoa distinta de Deus e do *Nous*.<sup>31</sup> Isto para não falar daqueles que obtiveram certa noção da *Encarnação* e da *Redenção*.<sup>32</sup> Abelardo perfilha – com Justino e Clemente –, a ideia de que os filósofos foram para os gentios o que os profetas foram para os judeus.<sup>33</sup>

Destarte, devido à consciência que Deus lhes tinha dado, os pagãos – que não assentiram à verdade divina –, que lhes adveio pelos filósofos, tornaram-se tão réus quanto os judeus.<sup>34</sup> Por outro lado, muitos judeus e pagãos foram salvos<sup>35</sup>, pois é fato que a vida de muitos *filósofos* foi conforme a *reta razão* e o que é o Santo Evangelho senão a *restauração da lei natural*?<sup>36</sup> Ademais, quão grande semelhança não se pode notar entre os tratados de *moral dos filósofos* e as *regras morais ditadas* pelo Evangelho e pelos santos?<sup>37</sup> Ora bem, se viveram como cristãos, foram cristãos.<sup>38</sup> E se foram cristãos, que razão nos impede de acreditar que tenham sido salvos?<sup>39</sup> Antes, seria ilógico supor que, tendo vivido retamente, tenham sido condenados, pois, assim como Deus santificou o Batista no seio de sua mãe, assim também santificou os pagãos que o seguiram, mesmo não tendo estes a *revelação* e os *sacramentos*.<sup>40</sup> Em verdade, longe de nos espantarmos, devemos, antes, envergonharmo-nos por ter havido homens que, sem os recursos que hoje desposamos, tenham conseguido ter uma vida tão perfeita, deixando-nos assim eloquentes exemplos de virtudes.<sup>41</sup> Donde os antigos filósofos, por terem sido os nossos irmãos mais velhos – tendo sido cristãos antes de Cristo –,

<sup>29</sup> *Idem. Ibidem*: “Alguns deles até apresentaram claramente o dogma essencialmente cristão da SS. Trindade (...)”

<sup>30</sup> *Idem. Ibidem*: “À testa de todos está Platão, (...) que ensina que o Espírito ou *Nous* nasceu de Deus e é coeterno com Ele.”

<sup>31</sup> *Idem. Ibidem*: “Platão também parece ter sabido algo sobre o Espírito Santo, visto apresentar a alma do mundo como uma terceira pessoa, distinta de Deus e do *Nous*.”

<sup>32</sup> *Idem. Ibidem*: “Os filósofos tiveram até mesmo uma noção da Encarnação e da Redenção do mundo pela morte de Cristo na cruz.”

<sup>33</sup> *Idem. Ibidem*: “Desta forma os filósofos representaram entre os gentios um papel análogo ao dos profetas entre os judeus”

<sup>34</sup> *Idem. Ibidem*: “Visto pois que Deus revelou o conteúdo essencial do dogma católico, aos judeus pelos profetas, e aos pagãos pelos filósofos, eles são inescusáveis se não prestaram ouvidos aos ensinamentos desses mestres.”

<sup>35</sup> *Idem. Ibidem*: “Todavia, muitos dentre os pagãos e judeus foram salvos (...)”

<sup>36</sup> *Idem. Ibidem*: “É um fato incontestável que os filósofos obedeceram à lei da natureza; ora, que é o santo Evangelho senão uma restauração da lei natural?”

<sup>37</sup> *Idem. Ibidem*: “Não é de admirar, pois, que as doutrinas morais dos filósofos se harmonizem tão perfeitamente com as do Evangelho e dos Santos.”

<sup>38</sup> *Idem. Ibidem*. p. 315. “A bem dizer, pois, esses filósofos, não foram gentios, mas cristãos (...)”

<sup>39</sup> *Idem. Ibidem*. “Ademais, nenhuma razão teológica nos proíbe supor que tenham sido salvos”

<sup>40</sup> *Idem. Ibidem*. “Nada impedia que Deus os santificasse antes da Revelação e sem o auxílio dos sacramentos, assim como santificou a João Batista no seio de sua mãe (...)”

<sup>41</sup> *Idem. Ibidem*: “Aliás, para nós cristãos há algo de humilhante no fato de os pagãos terem levado vida tão perfeita, e dado tão magníficos exemplos de virtude, embora desconhecêssem a Revelação e carecêssem dos meios da graça.”

merecem um lugar de honra em nosso meio.<sup>42</sup> Sem embargo, considerando as suas vidas e suas doutrinas, pouco ou quase nada elas se distanciaram da proposta do Evangelho. Daí podermos, com justeza, chamá-los de cristãos. Ademais, se os antigos foram filósofos por amarem a sabedoria, nós também – e com tanta maior razão o seremos –, se amarmos a Cristo, Verdadeira sabedoria de Deus.<sup>43</sup>

Passemos à análise das consequências do humanismo de Abelardo.

### 5. Consequências do humanismo de Abelardo

Agora bem, sendo nós os sucessores dos filósofos antigos, por gozarmos do *logos total*, que é Cristo, podemos dizer, com razão, que o *cristianismo* é uma continuação da *filosofia*.<sup>44</sup> Qual preâmbulos do cristianismo, as verdades descobertas pelos pensadores de antanho, pertencem, *de jure e de facto*, aos *cristãos*.<sup>45</sup> Os filósofos de outrora foram gentios na nacionalidade e no tempo, mas, deveras, *cristãos pela fé*.<sup>46</sup> De fato, a graça não elimina, senão que confirma a natureza, sendo-lhe como uma expansão.<sup>47</sup> Prova disto é que, em *O diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão*, ao cristão basta confirmar – e não refutar –, as ideias dos seus interlocutores, aprofundando-lhes a doutrina com a riqueza do cristianismo. Em uma palavra: o cristianismo é a *verdade total* que contém em si todas as outras.<sup>48</sup> Passemos às considerações finais do texto.

---

<sup>42</sup> *Idem. Ibidem*: “Os antigos filósofos foram cristãos antes de Cristo, razão pela qual fazem jus a um lugar de honra em nosso meio.”

<sup>43</sup> ABELARDO. *Theologia Christiana*. CLXXVIII. In: GILSON, Etienne. *A Filosofia Na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 355: “(Constataremos, pois, que sua vida, como sua doutrina (entenda-se a dos filósofos pagãos), exprime ao mais alto grau a perfeição evangélica e apostólica, que pouco ou nada se afastam da religião cristã e que nos são unidos, não só pelo costumes, mas pelo próprio nome. Pois chamamo-nos cristãos, porque a Verdadeira sabedoria, isto é, a sabedoria de Deus Pai, é Cristo; logo, merecemos verdadeiramente o nome de filósofos se amamos de fato a Cristo.” (O parêntese é nosso).

<sup>44</sup> BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã*. p. 315: “O cristianismo é uma continuação da filosofia, não menos que da lei judaica, embora num plano superior.”

<sup>45</sup> *Idem. Ibidem*: “Pelo mesmo motivo a verdade por eles descoberta faz parte integrante do patrimônio cristão da verdade.”

<sup>46</sup> GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 355: “Talvez tenham sido gentios apenas na nacionalidade, mas não pela fé (...)”.

<sup>47</sup> *Idem. Ibidem*. p. 356: “Abelardo desenvolve aqui, portanto, sem coerção alguma, esta tendência – que sentimos em toda a sua obra, sobretudo na *Carta VIII a Heloísa* – a ver a graça como uma expansão da natureza (...)”.

<sup>48</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) como no *Diálogo entre um filósofo, um judeu e um cristão*, a conceber (Abelardo é que concebe) o cristianismo como a verdade total que compreende em si todas as outras. Nesta última obra, que foi interrompida pela morte, vê-se o cristão esforçar-se por convencer o judeu e o pagão, não negando as verdades

## Conclusão

A Abelardo afigura-se insuficiente, em teologia, compilar textos ou sentenças das Escrituras ou dos padres. Mister é ponderar, antes de aderir, e verificar a autenticidade dos textos. Com efeito, devemos ter presente que os padres muitas vezes mudaram de opinião acerca de um mesmo assunto, quando não se equivocaram acerca de outros. No que toca às Escrituras, quantos textos obscuros a serem esclarecidos e outros tantos nos quais devemos distinguir o sentido metafórico do próprio. Destarte, para haver a *adesão sobrenatural*, urge *inteligir*, que consiste em conhecer, por meio de uma *fundamentação racional*, qual é o *dado revelado*. Uma vez conhecido, podemos então tentar compreendê-lo, ou seja, aprofundarmos nele o quanto nos for dado, segundo o dom que Deus nos dispensar.

Não há contradição entre a filosofia e o Evangelho. Na obra dos filósofos, conseguimos perceber como eles conseguiram entrever diversas verdades cristãs. Na austera vida que alguns deles levaram a termo, amiúde atestamos a existência de valores cristãos. O que é o Evangelho, senão a restauração, no homem, da lei natural? Ora, se estes homens de antanho conseguiram viver de acordo com esta lei, como negar-lhes a cidadania entre os salvos? Como pensar que possam ter perfilhado a sorte dos infiéis, se viveram de acordo com a reta razão? Por que denegar-lhes a salvação, a eles que, sem os recursos da graça e dos sacramentos dos quais nós dispomos, viveram o mais das vezes vidas mais austeras do que as nossas? Na verdade, eles são dos nossos e o que eles disseram pertence, por direito, aos cristãos.

## **BIBLIOGRAFIA**

ABELARDO. **Epistola 13**, cols. 352. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> . ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

\_\_\_\_\_. **Sic et Non**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. **Theologia Christiana**. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paulus, 1991. pp. 510 a 518.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 339 a 361.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000. pp. 306 a 315.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.